

Murmúrios da vida em estratégias discursivas

RESUMO: As práticas discursivas pautadas pela religiosidade despontam nos presídios como um jogo polêmico e estratégico, em face dos estigmas que classificam os prisioneiros como seres perigosos e irrecuperáveis. Entre os acontecimentos do delito, do julgamento, da sentença e as possibilidades de consolação, redenção e liberdade espiritual, a escrita criativa e autobiográfica estabelece outros percursos comunicativos para o transgressor, como autor de uma nova história de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Prisões; Prisioneiros; Narrativas; Identidade.

Heleusa Figueira Câmara
Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
Coordenadora do Proler/UESB
heleusacamara@yahoo.com.br

Pise devagar, você está
andando sobre os meus sonhos.

Rilke

Os olhos esverdeados de ADS¹ brilharam esperançosos ante a possibilidade vislumbrada de que fragmentos do seu texto poético viessem a ser lidos pelas autoridades, antes do seu julgamento. Comentávamos sobre a leitura dos originais construídos entre a fraca luminosidade da cela e o resplendor do sol no pátio repleto de prisioneiros, e lhe dizia sobre o tempo necessário à revisão e impressão da primeira cópia. Pedi que escrevesse a sua história de trabalho, como apresentação do autor e, ao texto que me parecia confessional, religioso, um excesso de esforço e de remorso em forma livre, em rimas quebradas, foi incorporada a “*letra escarlate*” de mais um depoimento impregnado de humilhação pelo delito cometido.

Poesia, canção, hinos, lamentos, queixumes, narrativas prisionais, arte? Poderiam os *Versos em Louvor a Deus* quebrantar os corações dos juizes terrenos em tempos de julgamentos, em dias de proferir sentenças? O inquérito parecia não mais proceder como razão dessa escritura. A história do passado, a verdade procurada, a reflexão sobre o ato criminoso cobriam o papel, ostentando a confissão firmada como declaração, exposição e testemunho do arrependimento pela transgressão impetrada, pelo sangue derramado. A marca de Caim.

(1) ADS, poeta evangélico, cozinheiro industrial, interno na Penitenciária Lemos de Brito, em Salvador, Bahia. Participante do Programa PROLER/CARCERÁRIO da UESB.

Eu perguntei a ele:

— Eu sou ladrão? Ele me disse: — Você é! Você queria comprar a sela na mão do meu filho M, ele não quis vender, você veio e roubou. Eu disse a ele: — Então eu sou ladrão? Ele me disse: — Você é ladrão, você é bandido!. Eu disse a ele: — Eu vou acabar com esta palavra. Quando eu saquei do revólver calibre 38, reforçado, perdi o primeiro tiro. O irmão dele, um inocente, desceu da carroça, veio para cima de mim, e eu atirei. O Caluniador correu e eu corri atrás dele. Ele encontrou uma casa, próxima ao local. No fundo da casa tinha um poleiro, ele entrou no poleiro e fechou a porta. Eu empurrei a porta, mas como ele era forte, eu atirei na porta. Ele parou de me chamar — Ladrão! Bandido, bandido! — como ele falava. Deixei o local, mas não sabia que eles tinham morrido. Com nove meses e dez dias, fui preso em São Paulo. Fui ouvido pelo juiz com dez meses e dezessete dias de preso. Estou com cinco anos e seis meses preso, esperando uma misericórdia de Deus.

(2) As armadilhas caridosas visavam a possibilidade de encontrar a verdade do ato, mediante o incentivo à escrita autobiográfica do criminoso, do louco, onde os planos quiméricos e os ódios podiam ser rastreados. (FONTANA, 1997)

(3) Idem p 279.

Por muito tempo, e outro tempo maior ainda... quem sabe ao certo? o incentivo à escrita de cartas e memoriais objetiva(va) construir “armadilhas caridosas”² ao criminoso e ao louco, pois a força da escrita implica possibilidades de se chegar à verdade, meta do inquirido, do interrogatório do exame e da observação. As palavras que enchem o papel de sonhos, queixumes, planos, podem estampar, de uma hora para a outra, o que está escondido nas “intenções latentes ou manifestas dos acusados”,³. mas quem escreve, também edifica armadilhas e as estratégias discursivas estão plenas de escusas, esquivas. Não é possível estabelecer a distinção entre o simulado e o acontecimento, pois interpretações totalitárias não desvendam gestos ou sentidos ocultos da escrita literária. A escrita criativa de ADS extravasa a sua história vivida num processo que Deleuze (1997) considera “uma passagem de Vida que atravessa o vivível e vivido” (DELEUZE, 1997, p.11), e coexiste em todos os níveis.

Num dia de sábado de 1980, eu, o menino ADS, aos 14 anos de idade, estava indo para a feira em Poções. No trajeto encontrei o menino M, com uma sela num carrinho de mão, voltando da feira. Eu estava montado num burro em pelo, e perguntei para ele: M., você vende esta sela? / - Não, ADS, esta sela é para nós usarmos nos cavalos da fazenda. Fui para a feira e passei o dia todo lá. No domingo, por volta das 10 horas da manhã, estava na

frente da minha casa, quando parou um Veraneio azul. Abriram a porta e eram os policiais Evair e Dinho Braga, o motorista Faca-Doida e seu filho M. O soldado Dinho Braga me conhecia e me disse que o delegado mandara me chamar. Quando entrei dentro do carro, o Evair começou a me espancar perguntando: Cadê a sela de Faca-Doida? - Eu não sei de sela, não! .Evair me espancou mais ainda, dizendo: Você sabe, porque você queria comprar ontem na mão de M. Ele não vendeu, você foi lá e roubou.

A apresentação do autor acompanha o volumoso texto escrito por ADS, onde palavras-fontes derramam em fluxos outras palavras-suplicantes, admoestadoras, moralistas, líricas, conformistas, que parecem buscar ora perdão e liberdade, ora vingança e sujeição em outros múltiplos sentidos. Até onde este texto confessional difere das narrativas do início do século XIX, em que os lamentos dos criminosos, escritos em folhas volantes, por autores outros, apresentavam uma retrospectiva da vida do transgressor, uma pequena avaliação do gesto infrator, evocando nos ouvintes sentimentos de horror e piedade? O crime descrito para ser cantado, circular de boca em boca, acentuando a falta cometida que não comportava o perdão, e utilizando o acontecimento como exemplo, ao situá-lo entre duas mortes a da vítima e a do executor e a duplicidade do julgamento e da condenação terrestre a ser ratificada nas dimensões religiosas, no grande tribunal de vivos e mortos.

ADS, em sua narrativa autobiográfica, conta a saga de trabalhador rural, a sua posição-histórico-social em sua existência inserida na pobreza, e na sujeição implícita à economia do emprego. ADS, em seus poemas religiosos, fala do cotidiano na prisão, reinterpreta a História Sagrada, aponta a representação de Satanás, a quem cita 33 vezes como instrumento de sua perdição. Nomeia a si próprio como **pecador** por 175 vezes e antepõe ao estigma da criminalidade à espera infinita da misericórdia de Deus, a quem invoca 216 vezes. ADS estabelece uma cronologia de sua execração pelo **Caluniador**, **Acusador** e a sua fragilidade em face das armadilhas que o cercam como o **Pecador**.

Daí para frente começou meu sofrimento. Satanás estava com as armadilhas e as perseguições prontas. O meu ponto fraco, Satanás descobriu – as palavras “ladrão de sela”. Os filhos do Acusador não podiam me ver na rua que gritavam: Ó ladrão de sela, cadê a sela de meu pai?. Isso me cortava

o coração por ser acusado de uma coisa que não devia. Completei meus dezoito anos, fui para São Paulo, mas toda vez que eu vinha a Poções a passeio, só não ouvia as palavras Ó ladrão de sela, se os filhos do Acusador não me vissem. Uma das piores vezes aconteceu em 1992, quando eu passava na esquina da rua do Acusador, com o meu filho de cinco anos de idade. Eles gritaram, lá da casa deles: Ó ladrão de sela, esse aí é outro ladrãozinho de sela? Eu não podia dizer nada, porque eles tinham influência na sociedade e eu sou de uma família humilde e não podia discutir. Era ouvir calado com o coração cortando de dor.

A quem seriam destinados os 407 poemas de expiação engendrados por ADS, na zona de vizinhança instaurada entre o autor e seus meios literários, em face do réu-confesso, pecador-arrepentido, filho-remido pelo Grande-Juiz e do detento transgressor, representado pelo defensor público, a espera da sentença do juiz-cativo das leis? Em seus poemas, o acontecimento do crime decorre mais do desconhecimento do perdão às ofensas recebidas, do que da repetição levada à saturação das palavras acusatórias a que foi submetido por treze anos. A alternativa cristã é o seu amparo, sua rota de fuga, e clama a Jesus Cristo 1176 vezes, na vertente do perdão, estabelecendo uma linha divisória no poema *Condenação não há* (Nº124 01/07/98), ao que se convencionou chamar de doutrina da lei e doutrina da graça.

Não há condenação para quem
está em Jesus Cristo
Condenação espiritual não há,

Na lei de Moisés, ele mandou,
os malfeitores, tinham que matar

Poderia esta escrita de si, dissociada da forma padrão das normas cultas, ser o instrumento experimental de novos tempos para ADS? Traria esta escrita de vida, de crenças, a força para quebrar barreiras nos velhos caminhos da sociedade punitiva e de controle, ou apontar outros percursos longe da prisão? Entre seus escritos de expiação, o poema *Perdoa a teu próximo* (27/05/98) fala do perdão que o autor não pode conceder ao torturador e posterior vítima, e do que aguarda de Deus e dos homens.

Por que você caluniou este pobre pecador?
Deus sabe da sua calúnia, não sou um devedor.
Não lhe perdoei, porque não conhecia a palavra do Senhor

Foram treze anos de muita perseguição,
Não há quem resista, nenhum coração.
Por causa desta falta do perdão
Estou pagando muito caro, nas grades da prisão.

Confio em Deus, espero o Seu perdão.
Confio em Deus, porque só Ele
É digno de me dar a salvação.
Não perdoei sua calúnia
Porque não conhecia a palavra do perdão.
Deus é conhecedor do que fala este coração.

A repetição, contida em cada verso, no murmúrio do arrependimento, das exortações endereçadas a si mesmo, podia chegar, quem sabe, às autoridades próximas que comandam o seu presente. Ante a dúvida, ADS sustenta-se no perdão incontestável, concedido pelo *Juiz dos Juizes*, que lhe confere a liberdade, ainda que espiritual, no poema "*Eu fui enganado*" (Nº 619 30/01/99)⁴

(4) Outros poemas de louvor a Deus. Versos de ADS que me foram entregues para revisão e organização, por uma numerados de 501 a 647. Arquivo do Proler/Carcerário. UESB.

Não me interessa ser um juiz, ou um advogado,
Ou até mesmo um promotor,
Sem Jesus Cristo eu não tenho valor,

[...] Eu sou um prisioneiro mas,
Jesus Cristo é o Salvador.
A minha liberdade já chegou,
através de Jesus Cristo, o Salvador.

A escrita-desabafo dos presos escritores-religiosos encontra alento na confissão secreta ou pública que se pode fazer a Deus. Os poemas de cunho religioso se superpõem e, diante das condições adversas, dizem: "*Deus é testemunha do que estou falando*". Deus é o único nome a quem podem recorrer diante da sentença do juiz, dos preconceitos cristalizados que registram a incredulidade das pessoas sobre as tentativas, os esforços do transgressor vergado sobre o estigma da reincidência de ser irrecuperável. O

poema *Castigo Divino* (Nº 501 24/12/98), escrito no dia de Natal, sugere a estreita relação de provação e reparação, pois o castigo é internalizado como possibilidade de purgação, condenação ou salvação.

Eu era feliz,
A minha felicidade eu não dei valor.
Em vim descobrir a minha felicidade
Quando Jesus Cristo me castigou.
Obrigado Jesus Cristo,
Meu Divino Mestre Salvador

As contínuas lutas entre as forças opostas consideradas do bem e do mal autorizam o exercício da punição ao derrotado, nas representações sociais de quando e como se pode matar, no equívoco do assassinio, localizado entre o que se legitima e o que está situado na ilegalidade. As narrativas podem equiparar o sagrado ao profano, o histórico ao cotidiano e ascenderem à glorificação do escrito no papel impresso, acessível a outros grupos. Foucault destaca as relações de vizinhança, de oposição, de “fronteira em que o assassinio é o ponto em que a história e o crime se cruzam”(FOULCAULT, 1997, p.216). O autor, escritor-religioso, enfatiza a necessidade de usar práticas conhecidas de batalhas para derrotar o inimigo - o mal, responsável pelos seus desacertos nas ações cometidas. Todos devem estar unidos para destruir o inimigo. O poema *Vamos pisar em Satanás*, (nº146 11/07/98), ilustra a condição do inimigo acossado.

Satanás já está derrotado, não tem para onde ir
agora eu decidi, vou pisar na cabeça dele,
eu piso daqui, você pisa daí,
vamos por fogo nele, que ele não vai resistir,

Embora a figura do mal seja representada em meio a chamuscas por onde trafegaria com naturalidade, e a antítese seja a água para compreender a oposição, observa-se a repetição das mesmas armas de destruição que devem ser usadas nos combates. Pode-se pensar na figura mitológica da serpente que devora a si mesma a partir da cauda. São muitas as possibilidades de sentido que se podem atribuir às palavras, a depender dos interesses em

que sejam proferidas. O jogo está presente nos atos criativos do texto elaborado como arte pelo autor, e como ponte para o leitor, possibilitando múltiplas estratégias. O verbo pisar, dentro das acepções religiosas, contém dentre outras assertivas, possibilidades de risco e vitória. No mito do Paraíso Perdido, Adão seria ferido no calcanhar pela serpente a quem esmagaria pisando-lhe na cabeça. Pisar na Terra Prometida foi à promessa feita ao povo de Abraão. Cristo sacode o pó de suas sandálias que pisaram em Jerusalém. “Pisar no orgulho”, “pisar em terra firme”, “pisar na bola” “pisar nas nuvens” são expressões repetidas ao longo do tempo. A escrita religiosa de ADS parece evidenciar o conflito estabelecido entre o ser em contínua purgação pelo delito cometido, que o leva a “pisar em brasas” na construção do seu texto escrito na prisão.

Sonharia ADS com a graça gloriosa dos seus poemas-hinos vi-rem a ser tocados e cantados nas igrejas cristãs, concedendo-lhe a visibilidade positiva do pecador arrependido e remido pela expiação na cadeia? O poema *Luiz de Carvalho* (Nº597 23/01/99) traduz a admiração sentida por ADS pelo grande cantor evangélico.

Luiz de Carvalho em nome de Jesus Cristo,
você merece todos os cristãos te homenagearem.
Por você ter sido o primeiro.
(que) louvou e gravou,
O Brasil cristão
tem você no coração.
E sempre desejamos
(o) Senhor te abençoar.(BIS)

Quem conhece o coração dos homens? Quem pode perscrutar o insondável mistério das emoções e as possibilidades das palavras em seus estranhos poderes. Quem pode se despojar das crenças escolhidas, para tentar compreender o outro?

O programa de incentivo à escrita e à leitura, Proler/Carcerário⁵, desenvolvido no Presídio Regional de Vitória da Conquista, BA, onde ADS esteve detido, aguardando o julgamento do seu processo, pode ter contribuído, indiretamente, para estimular o registro escrito das suas contínuas meditações sobre fé e confiança na religião escolhida e abraçada. Quando conheci o seu trabalho, já estavam digitados e gravados num disquete os

(5) Proler/Carcerário - UESB é um programa de incentivo à leitura e à escrita autobiográfica e ficcional, oferecido a prisioneiros no município de V. da Conquista, Bahia. Conta com o apoio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Este trabalho foi iniciado com os internos da Casa de Detenção (1989-1993) e continua a ser desenvolvido no Presídio Regional Advogado Nilton Gonçalves, a partir de sua inauguração em dezembro de 1993.

407 poemas de *Versos em louvor a Deus*. A numeração é iniciada no poema 111 e vai até o nº 503, o que leva a evidência de escritura de 110 poemas não incluídos. ADS pagara uma pessoa para digitar os seus originais, que fugiam às normas convencionadas dos padrões estéticos estabelecidos para formatação dos textos, como as deste artigo que escrevo, e de todas as publicações acadêmicas e técnicas em sua etapa de produção para difusão. Foi muito trabalhoso e emocionante fazer a revisão do seu cancionário? seu livro de poemas? seus comentários sobre a doutrina cristã? suas (re)criações leitoras? suas estratégias discursivas na **escrita de si**, da vida dentro e fora da prisão, de tudo que escreve para viver, e para a impressão da primeira cópia. A bagunça das fontes, do uso dos parágrafos, os erros ortográficos e de concordância, dificilmente evidenciariam uma possível e proposital deformação/decomposição artística. *Versos em Louvor a Deus* é o assassinato e a ressurreição da própria vida em palavras, que se repetem no murmúrio de uma linguagem ao infinito sobre a tentação, a queda, o castigo, a exclusão, o perdão, a redenção, a escolha, a (in)compreensão do incomensurável desejo de viver.

Esta narrativa religiosa, vista como escrita da sujeição e da autoridade, sugeria o (re)contar comum, vulgar, sem-gosto, do já visto, do já dito, e foi preciso, também, “por de lado os velhos métodos acadêmicos da análise textual e todas as noções que decorrem do prestígio monótono e escolar da escrita”⁶, para tentar conhecer as lutas diferenciadas os afrontamentos e o efeito dos discursos como instrumentos de ataque e defesa, entre as relações de poder e de saber do prisioneiro que encontra na fé adotada a liberdade possível, para resistir a condição de quem espera o cumprimento de uma sentença. Os estudos de Foucault sobre o dossiê de Pierre Riviere⁷ estão impregnados de perguntas e até hoje o estranho texto do jovem suscita a questão de sua escrita: teria desejado a fama que o crime, registrado por ele mesmo no memorial, lhe traria tirando-o do esquecimento a que estaria, também, condenado?

Os textos mais preciosos para os autores-prisioneiros são aqueles que se achegam às formas poéticas da oralidade, do ritmo, e da cadência da fala, carregada de tons e sentimentos. O fascínio exercido pelos repentistas de onde jorram palavras vivas, com roupas novas, palavras brincalhonas, sedutoras, aterrorizantes, justiceiras, palavras para todas as situações, tornam a escrita em

(6) Foucault, Michel. *Eu, Pierre Rivière, que degolei a minha Mãe, a minha irmã, e o meu irmão...* In: Introdução. Lisboa, Portugal, Ed. Terramar 1ª Ed. 1997. p 10.

(7) Idem.

versos mais solicitada pelos prisioneiros para leitura. A rapidez na construção da idéia, a **presença de espírito** e velocidade do enunciado sobrepõem a elegância do texto à garimpagem das palavras que, libertas de subordinações, estampam narrativas em comentários. A habilidade lingüística dos recursos da aliteração, a fala cadenciada da linguagem despojada do preciosismo das rimas ricas e raras, do burilamento, do ato de polir e refinar, a possibilidade de narrar histórias e mais histórias que assombram, encantam, fazem rir e chorar é considerada um dom precioso. O poema *Deus é digno* (Nº 227 -16/08/98) torna ADS merecedor de um dom sagrado, e ele usa o substantivo “Inspiração” em maiúsculas, para ressaltar o privilégio de escrever.

O meu louvor foi Jesus Cristo
quem me deu Inspiração.
Eu recebi este dom
com muito amor no meu coração,
Deus me usou nas grades da prisão,
Deus é poder, eu confio
neste poder, no meu coração. (bis)

O texto corrigido em *Versos em Louvor a Deus* fora-lhe devolvido para ser entregue ao advogado de defesa, com o propósito e o desejo de que o juiz fizesse uma (re)leitura do processo, como se a história da confissão atenuasse a sentença. ADS retornou do júri com a pena estabelecida em 18 anos de reclusão e foi recambiado para o Presídio em Jequié. Quando fui visitá-lo acompanhada de uma professora de piano, ADS cantou um dos poemas que musicara, e planejamos gravá-lo numa fita cassete, colocar numa partitura e organizar um coral. Tudo ficou entre os planos por cumprir, a professora viajou para outro país, ADS foi acusado de ter participado em movimentos de motim, sendo transferido para a Penitenciária Lemos de Brito. Ficaram os textos corrigidos, que estão sendo encaminhados a ADS em Salvador, para revisão da primeira cópia, e posterior impressão com o apoio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Há sempre uma esperança de inserção desta escrita em outra massa dupla e fechada, das instituições religiosas.

O poeta e escritor Bartolomeu Campos Queiroz diz que escreve “o que lhe falta” e estendendo esta imagem para a escritura

de ADS, penso no muito que pode lhe ter faltado, e no que está a faltar para tantas outras pessoas que não encontram palavras que contem devires de suas “existências-clarão”, vistas por Foucault, e por nós outros, na circunstância de uma pesquisa, ou no esbarrão com o poder, que lhes confere a estranha fama da infâmia, do horror difundido pela mídia, até que outro fato, na repetição que banaliza a vida, se superponha a outro e mais outro acontecimento, em ecos e murmúrios a quem interessar puder, e a quem tiver ouvidos para ouvir.

Escreve-se muito nos presídios, pois o encarceramento corta, abruptamente, os processos comunicativos do espaço social de vivência do transgressor, empurrando-o para a prisão, onde os delitos cometidos estabelecem as relações de convivência. Escreve-se para parentes, amigos, namorados, juízes, promotores, políticos, pessoas de renome por variadas razões, dentre as quais o desejo de interferência no andamento, ou no rumo do processo. Nos espaços carcerários, a maldade, o perigo, a desconfiança, a vigilância, o tempo, a pena, tudo é sempre o excesso marcado no tempo de espera. As práticas discursivas, independentemente dos atos lingüísticos e de seus significados, despontam como um jogo polêmico e estratégico capaz de instalar novas formas de perguntas, de respostas, de sujeitos, sujeitos de conhecimento, ações e esquivas.

A sociedade exerce um grande poder sobre as condutas dos indivíduos, e Foucault considera que este imenso aparelho disciplinar está entranhado em todos os aspectos do indivíduo. Seus múltiplos e renováveis tentáculos são quase que imperceptíveis, propiciando os jogos que estabelecem normas, mas que também propiciam estratégias diferenciadas para o seu uso. Nesse estranho jogo, as relações de poder podem ser distinguidas das relações de dominação, por constituírem um fenômeno social. Nas relações sociais, portanto, todo indivíduo tem um certo poder que se evidencia nas escolhas que faz para se dirigir ao outro ou a si mesmo, e na forma como se influencia reciprocamente, a partir da opção feita. É importante pensar que, quando as pessoas se encontram em estados de sujeição, fortemente marcados pelo poder, uma ética do indivíduo pode colocá-lo contra este mesmo estado, inserindo-o num jogo de poder, mesmo que seja para si mesmo.

As idéias, evidentemente, não existem por si próprias, nem vivem num meio etéreo, refletem o desejo de estar no mundo,

inserido nos modelos considerados ideais. Os fenômenos não são obrigatoriamente ilusórios, enganadores ou a serviço do interesse de um grupo. Escrever sobre as escolhas feitas sugere mais uma classificação, mais uma qualificação, mas reconforta pensar que agir e expressar o que queremos, é o que deve importar. Ouvir as vozes interiores, registrá-las e partilhar com o outro é poder saber que se pode ser visto em duas ou mais faces e que o outro também é visto por nós e por outros, em outras tantas faces. Dar-se conta de si mesmo, como um indivíduo ativo e criador, é reconhecer que só há um sentido para a vida: o próprio ato de viver, ainda que sob o episódio do encarceramento.

ABSTRACT: Writing in prison is a common practice. Prisoners feel the need to maintain contact with the outside world. Since the stigma of having been in prison labels the prisoner as dangerous and beyond recovery, the creative and autobiographic writing is an alternative to establish a new motive for the crime that caused his incarceration. Religious writing is a way to minimize the consequences of the offence, the judgement and the sentence. It also opens up to him the possibility of a new way of life.

KEY WORDS: Prisons; Prisoners; Narratives; Identities.

Referências

- DELEUZE, Giles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34. 1997.
- FOUCAULT, Michel. Eu, Pierre Rivière, que degolei a minha Mãe, a minha irmã, e o meu irmão... In: *Os assassínios narrados*. 1ª Ed. Lisboa: Terramar. 1997.
- FONTANA, Alexandre. Eu, Pierre Rivière, que degolei a minha Mãe, a minha irmã, e o meu irmão... In: *As intermitências da razão*. 1ª Ed. Lisboa: Terramar. 1997.